

DALCÍDIO JURANDIR: UM AUTOR ESQUECIDO DE UMA
AMAZÔNIA EXCLUÍDA

RUY PEREIRA

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira*
(edição crítica. Rosa Assis). Belém: UNAMA, 1998.

Um rápido olhar nos manuais de literatura mais usados no centro-sul do país confirmam o fato de que a exclusão do extremo-norte da perspectiva da crítica especializada brasileira seja, talvez, o maior equívoco cultural que se está cometendo diante da emergência da Amazônia no cenário mundial.

Desde o advento da ECO-92, hoje, RIO + 10, que se pode observar que é urgente a inserção cultural, social e antropológica da região no imaginário do brasileiro. O que se admite presente é o mito da extensão territorial, que guardaria segredos e fortunas naturais para além da imaginação, reservados ao cumprimento da promessa de país do futuro, da fartura e do fim de todos os problemas existenciais.

Enquanto se alimentam dessa ilusão, Estado e Sociedade, de um modo geral, estão privados de ver o presente cotidiano e transparente da vida do povo amazônico, lá deixado à sua própria sorte, vivendo num contraste gritante entre cidade e floresta, que traduz o anseio dos que vislumbram uma saída, ainda que precária, dos campos alagados ou queimados de Marajó para a urbanidade mítica de Belém, a viver, por sua vez, dos áureos tempos do ciclo da borracha.

Isso é o que se perde em não ler Dalcídio Jurandir em *Chove nos Campos de Cachoeira*. Lançado há 61 anos, foi vencedor de um concurso nacional realizado em 1941 pela editora Vecchi e a revista *Dom Casmurro*. É o romance seminal de um conjunto de dez, intitulado de *Ciclo do Extremo-Norte*.

O romance é uma história de ilhéus de Marajó que se conta a partir de dois personagens: o menino Alfredo e seu meio-irmão Eutanázio.

Alfredo reinventa o mundo a sua volta rolando na mão a semente de uma palmeira típica da Amazônia, o tucumanzeiro. O carocinho de tucumã é seu modo de "consertar" o mundo, "...tem que ir ao tanque

escolher outro carço que fale como o outro, lhe mostre os campos da Holanda, o arranque daqueles campos mormacentos.” (p. 119).

Esse é o seu modo de dar vazão à ânsia de “partir daqueles campos” (p. 118) para Belém, onde talvez pudesse “parecer menino diferente do que era”. (idem)

Eutanázio, personagem complexo, traduz um indivíduo amargo, frustrado, violento, mas sensível e infinitamente humano. Ora cheio de pensamentos ternos, ora perverso, sádico até. Suas aparições são cheias de escárnio, deboche e ironia, acompanhadas em três planos discursivos pelo narrador: num, indireto, com empatia quase cúmplice; noutro, deixa-o imiscuir-se em sua fala para mostrar seus mais vis pensamentos; e, num terceiro, dá-lhe voz: coisa rara para um solitário que ruma e trama a sua própria morte: eu/tanatos.

O romance traz uma experiência intrigante de leitura em virtude de superar historicamente suas referências de contexto que são a de pertencer ao segundo momento do modernismo brasileiro, tradicionalmente descrito como uma literatura engajada, de caráter social, de denúncia e ênfase no agrário. Ocorre que suas referências espaciais diferem radicalmente do que se pode chamar de agrário, já que o ambiente narrativo dalcidiano é a Amazônia.

Em Dalcídio, a floresta, longe de servir de mero apelo ao exótico, ou efeito de lugar que determina a vida de seus habitantes, é algo que se narra por si, sugerindo ao leitor o caminho da percepção de um extrato pictórico que emerge da trama narrativa: “E quando o vento cresce sobre os campos ouve-se no chalé o gemido da terra e da noite que o fogo queimou.” (p. 120).

Não é de admirar que Alfredo Bosi, no tópico “Permanência e transformação do regionalismo”, (BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1976), diga dele: “...o mais complexo e moderno de todos [os autores da região]”, sem, no entanto, justificar a afirmação.

A literatura de Dalcídio Jurandir mostra uma forte capacidade de resistência e inventividade. Razões mais que justas para que, aliado ao momento, se tome a decisão de suspender o silêncio em torno da obra do autor. É hora de se dar conta da opinião do crítico, das razões da exclusão da literatura do extremo-norte e ampliar as fronteiras do imaginário cultural brasileiro.